

DISCURSO

Temos hoje um grande encontro refletido nas paredes centenárias do Instituto dos Advogados Brasileiros.

Um encontro que une os tempos extremos retratados na memória fotográfica dos 166 anos do Instituto.

O Presidente do IAB de 1857 sai de uma parede para outra e vai ao coração do Presidente do IAB de 1976.

A **Medalha Teixeira de Freitas** no peito de Eduardo Seabra Fagundes.

Eduardo Seabra Fagundes vai ser parte de uma constelação onde brilham os nomes de Clóvis Beviláqua, Carvalho de Mendonça, Levi Carneiro, Miguel Seabra Fagundes, Carlos Maximiliano, Nelson Hungria, Orosimbo Nonato, Pontes de Miranda, Roberto Lira, Sobral Pinto, Evaristo de Moraes, Orlando Gomes, Délio Maranhão, Frederico Marques, Raymundo Faoro, Vitor Nunes Leal, Aguiar Dias e Evandro Lins e Silva.

Aqui estamos para comemorar e aplaudir a entrega da mais alta comenda da advocacia brasileira ao advogado que marcou definitivamente o confronto da ditadura militar com a liberdade, do terrorismo dos militares com o estado de direito.

O peito que agora recebe a **Medalha Teixeira de Freitas** é o mesmo que foi alvo da bomba terrorista que terminou por matar Lyda Monteiro da Silva.

No confronto final da ditadura contra o restabelecimento do estado de direito, os militares que queriam matar o Presidente da OAB, Eduardo Seabra Fagundes, mataram a secretária Lyda Monteiro da Silva.

Foi no dia 27 de agosto de 1980 às 13 e 40 da tarde que a bomba mandada para matar o Presidente da OAB explodiu nas mãos da secretária.

No mesmo dia, uma hora mais tarde, outra bomba mandada contra o vereador Antonio Carlos Carvalho, destruiu seu gabinete e feriu gravemente seu tio e companheiro de lutas no MR8 José Ribamar de Freitas, que ficou cego e teve um braço amputado.

Algum tempo depois, no primeiro de maio de 1981, o capitão Wilson Luis Chaves Machado e o sargento Guilherme Pereira do Rosário, ambos servindo no DOI-CODI do I Exército, foram mandados para explodir um espetáculo de música popular brasileira promovido pelo Centro Brasil Democrático - CEBRADE, no Riocentro, onde se reuniam cerca de vinte mil pessoas, mas erraram nos procedimentos e a bomba explodiu dentro do carro, no colo do sargento, que morreu ali mesmo, ficando gravemente ferido o oficial.

São os momentos de honra e glória da Ordem dos Advogados sob o comando de Eduardo Seabra Fagundes na luta pelo estado de direito contra a ditadura.

Já no tempo em que foi Presidente do Instituto, Eduardo Seabra Fagundes marcou sua gestão por uma atitude firme contra a tortura e as violações dos direitos humanos, como fixado na proclamação do IAB de novembro de 1977, diante das denúncias de torturas no governo Geisel:

“Se o Estado tem entre as suas obrigações fundamentais garantir a integridade física de seus cidadãos, não se pode compreender nem admitir que ele próprio, pelo excesso de agentes seus, cometa violências contra o indivíduo.”.

Agora é tempo de contar. É tempo de lembrar.

Para que aquilo nunca mais volte a acontecer.

“Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”, como ensinou Vandr , o poeta da resistência.

Teixeira de Freitas que é o patrono desta medalha maior foi a figura mais brilhante do direito brasileiro no século dezenove.

Nascido em 19 de agosto de 1816, quando o Instituto comemorou seu centenário numa sessão solene no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o Presidente Ruy Barbosa anunciou a saudação proferida por Clóvis Bevil cqua com estas palavras:

“Para falar sobre o maior civilista morto, concedo a palavra ao maior civilista vivo.”

E Clóvis Bevil cqua foi o primeiro a receber a Medalha Teixeira de Freitas, criada em 1928, na sessão solene de 86  aniversário do Instituto em 7 de setembro de 1929.

Assim era a imagem de Augusto Teixeira de Freitas.

Nasceu em Cachoeira na Bahia, conterrâneo de Castro Alves, Montezuma e Ruy Barbosa e cresceu juntamente com a nação que se tornou livre.

Fez o primeiro ano de direito na Faculdade de Olinda, mas para o segundo ano já estava na Faculdade de Direito de São Paulo, onde fez o segundo, terceiro e quarto ano.

Sem que se saiba o motivo, ao fim deste quarto ano impugnou formalmente os nomes dos professores que compunham a banca examinadora, Clemente José Falcão de Souza e Francisco José Ferreira Batista, e requereu sua substituição sob a alegação vaga e imprecisa de suspeição. Suspeição de qu , nunca foi esclarecido.

A questão foi levada da Faculdade para o governo e o Ministro do Império a quem coube decidir **“não houve por bem anuir a semelhante pretensão”.**

Irritado e desgostoso com a negativa, resolveu voltar a Olinda, mas antes da partida exclamou para que todos ouvissem: **“um dia hei de encher as arcadas desta gloriosa Academia com o eco de meu nome!”**

Em Olinda se diplomou aos 21 anos de idade, em 1837.

Seu biógrafo Sílvio Meira lembra que nas noites paulistanas “recolhia-se à sua república... a estudar e a tocar seu violão, com nostalgia da terra natal, a sua Cachoeira ensolarada, lembrando à distância o Paraguaçu e as planuras verdejantes do Recôncavo baiano.”

Vou pedir à Dama de Preto que nos seus mergulhos na história do IAB apure os ouvidos nas madrugadas desta sala e procure ouvir as lágrimas de um violão.

Pouco depois de formado, participou do movimento revolucionário que passou à história com o nome de Sabinada, uma espécie de república baiana, e aceitou sua nomeação como Juiz de Direito da 1ª Vara Cível do governo revolucionário, sendo processado com a derrota do movimento e afinal absolvido.

Amargurado, deixou a Bahia para sempre.

Veio para o Rio e abriu seu primeiro escritório de advocacia no Beco das Cancelas, nº 4. Sim, naquele Beco ali no final da Rua do Carmo.

Sucesso imediato na advocacia.

Pouco tempo depois, em 21 de agosto de 1843, estava naquela histórica reunião numa casa da Rua dos Barbons entre aqueles 26 advogados que formaram a primeira diretoria do IAB sob a presidência de Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, com cargo no Conselho Diretor.

Em 1857 foi eleito presidente do IAB. Sua gestão durou três meses.

Logo que assumiu a presidência foi submetida ao Instituto uma delicada questão jurídica que consistia em saber se eram livres ou escravos os filhos de uma escrava que em testamento havia sido libertada, mas com a condição de servir a um herdeiro ou legatário enquanto este vivesse.

Teixeira de Freitas em seu parecer, puramente técnico, até porque era abolicionista, concluiu que nessas condições os filhos continuavam sendo escravos. Mas seu antecessor na presidência, Caetano Alberto Soares, opinou em contrário, isto é, que os filhos nasciam livres, tese que após longo e tormentoso debate foi aprovada pelo Plenário derrotando o parecer do Presidente.

Indignado e irritado com a derrota, Teixeira de Freitas renunciou à presidência e mandou severa carta ao Instituto com crítica ferina aos que o derrotaram:

“Em questões abstratas de jurisprudência, não posso compreender que se desenvolvam paixões; não sei também que frutos se possa colher dos assaltos de uma primeira idéia, e arrebatamentos do entusiasmo, em matéria de pura observação e raciocínio. (...) as mediocridades abundam (...) nada mais natural do que amparar-se o fraco edifício da ignorância com os esteios de nomes vãos, de títulos pomposos, ouropéis com que se impressiona o vulgo. As cerimônias das religiões produzem o mesmo efeito porém com melhor fim. O que poderá fazer um

homem, que, em trabalhos sobre qualquer ramo da ciência, lidar com outros que ponham em dúvida as próprias idéias rudimentares? Podereis vós ter uma questão de gramática com quem não conhecer as letras? Podereis verificar uma operação de contabilidade com quem não conhecer os algarismos? (...) Terei de voltar ao meu isolamento, aos monólogos de um solitário, sem o auxílio de tantos espíritos tão liberalmente favorecidos pela natureza, que podem ser úteis à pátria? O tempo dirá.”

Não bastasse tudo isso, concluiu a carta “de maneira um tanto rude”, como observou seu biógrafo Sílvio Meira, oferecendo aos seus pares a pequena quantia em dinheiro de um conto de réis para a compra de livros de direito que deveriam ser úteis na melhora de seus conhecimentos jurídicos, recomendando desde logo **“o *Corpus Juris*, que deve ser a fonte vital, onde devemos beber sempre e sem descanso.”**

A renúncia foi aceita, a oferta de dinheiro foi recusada e as atas e registros da passagem de Teixeira de Freitas pela presidência desapareceram por muitos e muitos anos, como atesta Sá Viana, que restabeleceu a história do IAB com pesquisa em jornais da época, especialmente o *Diário do Rio de Janeiro*.

Por essa época, publica a ***Consolidação das Leis Civis*** e é contratado para elaborar o projeto de Código Civil, trabalho que afinal não foi aceito pelo Ministério. Ao mesmo tempo cresce sua influência na elaboração dos códigos civis da Argentina e do Paraguai.

A rescisão do contrato para elaboração do Código Civil lhe trouxe sérias dificuldades. Contam seus biógrafos que por um tempo “Corriam notícias tendenciosas de que o grande jurisconsulto se encontrava mentalmente insano. Teriam por finalidade “justificar” a rescisão do contrato?”

Isolado de todos, veio a falecer em seu retiro fluminense em 12 de dezembro de 1883.

No seu enterro, no cemitério do Maruí, em Niterói, o IAB não se fez representar.

Em 7 de agosto de 1905, o IAB fez erguer um monumento da autoria do escultor Rodolfo Bernardelli na Praça Teixeira de Freitas em Niterói , inaugurado com grande solenidade na presença do Presidente Rodrigues Alves.

Em 1929, criou a *Medalha Teixeira de Freitas*.

Dias atrás, quando apresentava esta Casa de Montezuma aos novos sócios, afirmei que, esta é uma casa de conflitos, divergências e contradições.

Foi assim no passado, como se vê na história reconstruída, e é assim nos dias atuais.

A casa é de conflitos, mas de lutas e vitórias.

A medalha que hoje se entrega a Eduardo Seabra Fagundes traz a marca de seu patrono, de sua vida e de suas lutas, de sua memória de jurisconsulto da América quando se libertava do colonialismo e construía o novo mundo.

Traz também a marca do sangue derramado da secretária Lyda que tombou na casa onde se defendia o restabelecimento do estado de direito.

E o peito que a recebe é o do advogado que lutou contra a ditadura e a tortura e sobreviveu ao ataque traiçoeiro do terrorismo militar.

Humberto Jansen Machado, adv. 13.911. Orador Oficial do IAB. Discurso proferido na ocasião da entrega da Medalha Teixeira de Freitas ao eminente Jurista Eduardo Seabra Fagundes, em 25/11/2009.